



## **SOBRE A REPRODUÇÃO/TRANSFORMAÇÃO: O (DIS)FUNCIONAMENTO IDEOLÓGICO E SEUS EFEITOS POLÍTICOS**

Maurício Beck<sup>1</sup>

Com base na teoria da Análise de Discurso, inicialmente formulada pelo círculo de intelectuais em torno do filósofo francês Michel Pêcheux, entre as décadas de 1960-1980 e continuada pela linguista Eni Orlandi, no Brasil, buscarei, no presente texto, contribuir para a discussão teórica acerca da emergência e dos modos de funcionamento de discursividades imbricadas a ideologias dominadas ou antagônicas. Investigar especificamente os modos de funcionamento discursivo das ideologias dominadas mostra-se pertinente tendo em vista que estas, se estão voltadas à transformação e à superação das relações de exploração-dominação-segregação, funcionam de modo discrepante. Como afirma Pêcheux (1990), elas existem e não são somente um reflexo simétrico à ideologia dominante (ainda que esta seja contraditória e falha em seu funcionamento).

Por conseguinte, abordarei a noção althusseriana de funcionamento especular da Ideologia em cotejo com as três modalidades discursivas de funcionamento subjetivo propostas por Pêcheux, a saber: identificação, contraidentificação e desidentificação. Além disso, pretendo articular estes conceitos da Análise de Discurso com formulações do pensamento de Althusser (interpelação ideológica), de Žižek (super-identificação) e de Sloterdijk (efeitos inesperados da crítica à ideologia) cuja problemática converge com as questões atinentes aqueles conceitos. Entrementes, algumas indagações que tentarei responder são: para além da crítica ao ego-sujeito-pleno em *Só há Causa daquilo que Falha*, o funcionamento da ideologia por si mesmo não exigiria retificar algo no modelo especular subjacente à noção de “bom sujeito” que refletiria espontaneamente o Sujeito”? Em seu afã reprodutivo, a ideologia interpelaria os sujeitos tendo como efeito um espelhamento pleno do Sujeito ou antes uma *infra-posição*, em uma reduplicação imperfeita daquele? Isto é, não seria mais eficaz, para o assujeitamento ideológico, a manutenção de uma hiância entre sujeitos e Sujeito? Ou seja, um hiato que faça com que os sujeitos persistam em uma tentativa infinda de, em algum imaginário momento vindouro, se igualem ao Sujeito? Em relação aos processos de resistência-revolta-revolução, outra pergunta que gostaria trazer à baila é a seguinte: seriam a apatia (a-pathos) e a apraxia formas de suspender o investimento no Sujeito da Ideologia? Cabe, neste caso, investigar se estas funcionam como uma subtração subjetiva que, no extremo, poderia vir a desamarrar, ainda que momentaneamente, o laço social capitalista que aquele sustenta.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras – Estudos Linguísticos - pela UFSM, atualmente em estágio de pós-doutorado no Laboratório Arquivos do Sujeito LAS-UFF com bolsa FAPERJ.



## Espelho, espelho meu

Tomo como ponto de partida a formulação da primeira modalidade discursiva de funcionamento subjetivo em Pêcheux [1975] (1997):

A primeira modalidade consiste numa superposição (um recobrimento) entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a “tomada de posição” do sujeito realiza seu assujeitamento sob a forma do “livre consentimento”: essa superposição caracteriza o discurso do “bom sujeito” que reflete espontaneamente o Sujeito. (p. 215).

Segundo Pêcheux, essa reflexão espontânea permitiria uma identificação plena do sujeito, este funcionaria sozinho, sem necessidade de policiamento contínuo e sem qualquer dúvida sobre sua posição no âmago de uma formação ideológica. Cabe lembrar que, posteriormente [1978], numa releitura do livro *Les Vérités de la Palice*, Pêcheux (1997) pondera que essa identificação plena acarretaria em um efeito sujeito-ego-pleno, sem lugar para a instância do inconsciente.

Neste ponto, gostaria de lançar a seguinte questão: tendo como fim um bom funcionamento, a ideologia interpelaria os sujeitos por meio de um espelhamento pleno do Sujeito ou através de uma reduplicação desejosa e imperfeita do mesmo? Não haveria uma hiância, uma distância entre sujeitos e Sujeito? Um hiato que leva o sujeito a persistir na tentativa de, em algum imaginário momento vindouro, se igualar ao Sujeito? Como no caso da personagem kafkiana de *O castelo*, que persiste nas agruras de sua tarefa de agrimensor na esperança vã de um dia ser recebida no Castelo, habitado por seus contratantes.

Ou como no caso do exemplo althusseriano do Sujeito divino da ideologia religiosa que reconhece os seus, em que temos implícito uma diferença entre divindade e humanidade. Os sujeitos não podem jamais alcançar a plenitude do Sujeito sob o risco de recaírem na condição de blasfêmia do Rei da Babilônia, ou mesmo de Lúcifer: “Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo. E, contudo, levado serás ao inferno, ao mais profundo do abismo” (ISAÍAS 14:14-15).

Entretanto, com o advento da modernidade, não ocorreria uma reviravolta na interdição da igualação dos sujeitos com o Sujeito? A forma-sujeito moderna capitalista teorizada por Althusser e desenvolvida em Pêcheux não é precisamente a usurpação do lugar de Deus pelo “Homem livre e autônomo”, pelo sujeito jurídico de Estado de direito? Creio que não. Essa reviravolta, entretanto, não subverte o assujeitamento ideológico, mas interioriza nos sujeitos o Homem. Minha interpretação é de que o assujeitamento persiste, agora camuflado de Homem “livre e autônomo”.

## Distorções no espelho

Passo seguinte: a modalidade subjetiva de contraidentificação entre o sujeito e Sujeito, nos termos que Pêcheux formulou. Senão vejamos:

*A segunda modalidade caracteriza o discurso do “mau sujeito”, o discurso no qual o sujeito da enunciação “se volta” contra o sujeito universal por meio de uma “tomada*



de posição” que consiste, desta vez, em uma separação (**distanciamento**, dúvida, questionamento, contestação revolta... **com respeito ao que o “sujeito universal” lhe “dá a pensar”**: luta contra a evidência ideológica, sobre o terreno dessa evidência, evidência afetada pela negação, revertida a seu próprio terreno. (PÊCHEUX, 1997 [1975], p. 215) (grifos meus).

Trata-se de uma modalidade de crítica autolimitada subjetiva e politicamente, como se nota. Contudo, um movimento subjetivo se mostra possível. Mais avante Pêcheux propõe a terceira modalidade subjetiva, na integração dos *efeitos das ciências* com “a *prática política do proletariado sobre a forma-sujeito*, efeito que toma a forma de uma *desidentificação*, isto é, de uma tomada de *posição não-subjetiva*. (PÊCHEUX, 1997 [1975] p. 217). Essa terceira modalidade, chamada de *desidentificação* por Pêcheux, funcionaria como uma desconstrução com base em uma fusão dialética de conhecimentos objetivos e práticas políticas transformadoras.

Em outro momento, Pêcheux [1978] retificará suas formulações e a 3ª modalidade será desconstruída por sua simetria (espécie de interpelação às avessas) com a 1ª modalidade. A própria 1ª modalidade de funcionamento subjetivo será retificada, uma vez que não haveria superposição plena ou recobrimento completo. O bom sujeito interpelado é também um sujeito clivado. É precisamente nessa autocrítica que Pêcheux formula uma noção tão cara aos analistas de discurso na contemporaneidade:

O lapso e o ato falho (falhas do ritual, bloqueio da ordem ideológica) **bem que poderiam ter** alguma coisa de muito preciso a ver com esse ponto sempre-já aí, essa origem não detectável da resistência e da revolta: formas de aparição fugidias de alguma coisa “de outra ordem”, vitórias ínfimas que, no tempo de um relâmpago, colocam em xeque a ideologia dominante tirando partido de seu desequilíbrio. (PÊCHEUX, 1997 [1978], p. 301, grifo meu).

Com isso, Pêcheux nos legou uma articulação teórica entre resistência no sentido político (legado do povo judeu ao pensamento político ocidental, segundo Sloterdijk, 2012) com o sentido psicanalítico (resistência do analisando ou do psicanalista à análise). Contudo, que esta noção tão frutífera é necessária mais insuficiente, a meu ver. Acredito que é preciso retomar a perspectiva histórica, sujeita à transformação, e voltar a articular e diferenciar resistência-revolta e revolução.

Uma possível e inusitada resposta é dada por Žižek. Para o filósofo esloveno, entretanto, uma das formas mais subversivas de “funcionamento subjetivo” atualmente não é a plena desidentificação, mas uma superidentificação ideológica. Esta potencializaria um excesso incômodo, explosivo ou grotesco capaz de pôr a nu a obscenidade contraditória dos imperativos da ideologia capitalista. Como caso ilustrativo, Žižek (2010) cita a personagem do coronel Kurtz (interpretado por Marlon Brando) em *Apocalypse Now* (1979) de Francis Ford Coppola, uma vez que Kurtz, o soldado perfeito, recusando a hipocrisia dos oficiais superiores, leva a termo os imperativos bélicos e se insubordina em prol/contra as causas que o determinam:



## **Apatia**

Outro exemplo inusitado de posição subversiva é a de Bartleby, personagem inventado pelo escritor Melville, que expressa sua recusa por meio do enunciado *Preferia não fazer* - com o qual responde suave e negativamente às ordens e demandas de seu chefe. Segundo Žižek, (2010, p. 484): “a 'política de Bartleby': mais do que resistir ativamente ao poder, o gesto de Bartleby, que 'prefere não fazer', suspende o investimento libidinal do sujeito no poder – o sujeito deixa de sonhar com o poder.”. A subtração subjetiva da personagem seria subversiva porque marcadamente a-pática, ela suspenderia o investimento libidinal que dá consistência ao laço simbólico. Em outras palavras, solapa o laço político com o grande Outro, o Capital, na leitura de Žižek (2011, p. 54) sendo que:

a tarefa da política radical não é denunciar a inadequação de qualquer pequeno outro para representar o grande Outro (essa “crítica” só reforça o domínio do grande Outro sobre nós), mas solapar o próprio grande Outro e, dessa maneira, desamarrar o laço social que o grande Outro sustenta. Hoje, todos se queixam da dissolução dos laços sociais (e, portanto, do obscurecimento de seu domínio sobre nós, que é mais forte do que nunca), porém o verdadeiro trabalho de desamarrá-lo ainda está à nossa frente, e é mais urgente do que nunca.

É possível pensar em formas de desamarrar esse laço por meio da a-patia, da a-praxia e do silenciar. Trataria-se de uma subtração subjetiva, um recuo libidinal que solapa o laço com o grande Outro, este que nos incita cotidianamente ou ao sacrifício masoquista (pelo trabalho) ou ao consumo maniático. Algo que funciona pela corrosão dos pressupostos (já ditos, não-ditos, tudo que foi dito), que mina a identificação por efeito de indistinção, de suspensão de investimentos subjetivos.

## **Considerações e proposições**

Como base nesse breve percurso por variadas posições subjetivas gostaria de ressaltar a pertinência política de investigações focadas na compreensão das formas de dominação ideológica no âmbito da subjetividade e das formas de sua possível superação, mediante a materialidade discursiva. Ainda que essa superação implique uma identificação à outra matriz ideológica. Esta, entretanto, necessita funcionar de modo dissimétrico, não pode espelhar o funcionamento da ideologia dominante se visa à transformação das relações desiguais entre os homens. De modo que, podemos tanto verificar a presença da ideologia dominante em discursos engajados em lutas contemporâneas quanto perceber o que se mostra heterodoxo em relação à ideologia dominante como a conhecemos. Creio que se tivermos como escopo esta segunda questão podemos e precisamos avançar para além das resistências cotidianas.

Saliento, com base em Pêcheux (1997), que só avançaremos teoricamente se nos debruçamos no estudo dos processos de resistência-revolta-revolução em curso. O intelectual não detém a resposta de antemão (supostamente alicerçado na exterioridade radical da Teoria), mas pode reformular ou lançar questões com base em seu metier de analista. Análise é palavra-chave. Ela diz



de nossos procedimentos e nos posiciona de outro lugar, diferente daquela de teóricos estrategistas. Análise que, além disso, possibilita um questionamento da própria crítica à ideologia dominante com vistas à superação dos efeitos inusitados daquela. Segundo Sloterdijk (2012) a crítica à ideologia na tradição do iluminismo, teve como efeitos uma “falsa consciência esclarecida”. Isto é, um sujeito que antecipa a crítica ao mesmo tempo em que persiste em suas práticas de dominação, exploração e segregação. Trata-se do cínico moderno, entendido como efeito de uma crítica racional à ideologia, mas demasiado comportada. Para o filósofo alemão, a crítica à ideologia, em sua vertente acadêmica, tem se tornado um “exercício de jardinagem”. Diante dessas questões, a Análise de Discurso tem contribuído ao tomar o discurso crítico como objeto de análise. Para avançar ainda mais, é preciso nos perguntarmos pelas potencialidades talvez ainda inusitadas das armas da crítica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ISAÍAS [c. 700-680 a.C.]. In: *Bíblia de Estudo Pentecostal*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1995.

PÊCHEUX, Michel. Delimitações, inversões, deslocamentos. [1981] Tradução de José Horta Nunes. *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas: Unicamp/IEL, n. 19, p. 7-24, jul./dez. 1990.

\_\_\_\_\_. *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. [1975] Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. 3. ed. Campinas. Ed. Unicamp, 1997.

\_\_\_\_\_. Só há causa daquilo que falha ou o inverno político francês: início de uma retificação. [1978] In: *Semântica e Discurso: Uma Crítica à Afirmação do Óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi, Lourenço Chacon Jurado Filho, Manoel Luiz Gonçalves Corrêa e Silvana Mabel Serrani. 3. ed. Campinas. Ed. Unicamp, 1997.

SLOTERDIJK, Peter. *Crítica da Razão Cínica*. Tradução de Marco Casanova, Paulo Soethe, Pedro Costa Rego, Maurício Mendonça Cardozo e Ricardo Hiendlmayer. São Paulo : Estação Liberdade, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. *Em defesa das Causas Perdidas*. Tradução de Maria Beatriz de Medina. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Viver no fim dos tempos*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2010.